

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## EXPOSIÇÃO CURRICULAR *NÓS PODEMOS! A MULHER DA SUBMISSÃO À SUBVERSÃO*

Curricular exhibition *Nós Podemos! A mulher da submissão à subversão*

Julia Maciel Jaeger<sup>1</sup>

Rossana Klippel de Souza José<sup>2</sup>

### Resumo

O curso de Museologia da *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)* tem como exercício curricular a criação de uma exposição pelos alunos do 7º semestre. A turma curadora do ano de 2017 propôs, com a exposição curricular *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão*, trazer a temática *mulher* para ser debatida dentro do museu. Aberta entre os dias 18 de maio e 24 de junho de 2017 no *Museu da UFRGS*, a exposição se dividiu em quatro núcleos: *Soltando as Amarras*, com fatos que marcaram a história feminina; *Bela, Recatada e do Lar*, questionando a representação da mulher na sociedade; *(Des)Igualdades*, apresentando dados de violência contra a mulher e suas lutas coletivas por igualdade; e um núcleo educativo, voltado ao debate. O objetivo de convidar o público a refletir sobre conquistas e desafios femininos foi atingido, obtendo retorno positivo e participativo, repercutindo a relevância da temática.

**Palavras-chave:** Mulher. Desigualdade de gênero. Museu. Exposição.

### Abstract

The course of Museology of *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)* has as curricular exercise the creation of an exhibition by the students of the 7º semester. The curator students of the year 2017 proposed, with the curricular exhibition *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão* to be debated within the museum. Opened between May 18 and June 24 of 2017 at the *UFRGS Museum*, the exhibition was divided into four parts: *Soltando as Amarras*, with facts that marked the female history; *Bela, Recatada e do Lar*, questioning the representation of women in society; *(Des)Igualdades*, presenting data on violence against women and their collective struggles for equality; and an educational core, focused on the debate. The objective of inviting the public to reflect on women's

<sup>1</sup> Graduanda do curso Bacharelado em Museologia/UFRGS. Contato: julia.jaeger2013@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduanda do curso Bacharelado em Museologia/UFRGS. Contato: rossanaklippel@gmail.com.

achievements and challenges was successful, getting a positive and participatory return, reflecting the relevance of the theme.

**Keywords:** Woman. Gender inequality. Museum. Exhibition.

### Considerações Iniciais

A Museologia é uma área do conhecimento caracterizada por sua interdisciplinaridade. Tem como base de atividades desenvolvidas o tripé da Museologia, que engloba a comunicação, a preservação e a pesquisa focados em determinado acervo. Essas três funções estão interligadas e necessitam uma da outra para que todas se realizem, sendo todas importantes e essenciais ao olhar do profissional museólogo. Mas é fato que a comunicação possui mais destaque, pois é a função que mais se mostra ao público, por meio da exposição.

Na lei nº 7287 de 1984<sup>3</sup>, que regulamenta o profissional museólogo, a atribuição de realizar exposições é destacada no inciso II do Art. 3º: “planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins”. O curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) promove aos alunos a experimentação dessas atribuições que futuramente serão parte de suas profissões em três disciplinas: Expografia, Projeto de Curadoria Expográfica e Práticas em Exposições Museológicas, nas quais os discentes aprendem a teoria da realização de uma exposição, projetam uma exposição e montam e mediam a mesma.

Desde o início do curso até o presente ano de 2017, foram realizadas sete exposições curriculares de curadoria compartilhada, com os mais diversos temas. São elas: Do confessionário ao wireless: Landell de Moura, o padre-inventor; Fatos, Lendas e Mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre; Brinquedo é Coisa Séria; Alices: cenários de vida e arte; AGÔ – Presença negra em Porto Alegre: uma trajetória de resistência, KUMIAI - Entrelaçamentos na Colônia Japonesa de Ivoti, RS e *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão*.

<sup>3</sup> BRASIL. *Lei no. 7.287, de 18 de dezembro de 1984*. Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo. Brasília: Presidência da República, 1984. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7287.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7287.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

A partir do ano de 2013, o curso de Museologia firmou parceria com o Museu da UFRGS<sup>4</sup>, e as exposições passaram a ocorrer no Mezanino do Museu que, durante os semestres de exposição curricular, se transforma num laboratório criativo do curso.

A sétima exposição curricular do curso de Museologia, *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão* foi realizada entre o segundo semestre de 2016 e o primeiro semestre de 2017, com a orientação das professoras Vanessa Barrozo Teixeira e Ana Carolina Gelmini de Faria e com a assessoria técnica do museólogo Elias Palminor Machado<sup>5</sup>. A exposição, que ficou aberta entre 18 de maio a 24 de junho no Museu da UFRGS, com curadoria compartilhada por dezoito alunos<sup>6</sup> do curso, envolvidos em seu processo de criação, montagem e avaliação.

### **A exposição: processo de criação e de vivências**

Uma exposição nasce necessariamente da intenção de comunicar uma ideia, um tema, um conjunto de artefatos, uma coleção inusitada, um recorte conceitual sobre determinado acervo museológico. Conforme Maria Cristina Oliveira Bruno<sup>7</sup>, abrange ações de selecionar, pesquisar, documentar, organizar, exibir e difundir; próprias das “atividades museológicas-curatoriais”.

Durante o segundo semestre de 2016, na disciplina de Projeto de Curadoria, nossa turma foi instigada a assumir o papel de alunos curadores. Curadoria, segundo Bruno, pode ser compreendida como “[...] a somatória de distintas operações que entrelaçam intenções, reflexões e ações”<sup>8</sup>, compromissada com possibilidades interpretativas e ressignificação dos acervos e coleções, procedimentos de salvaguarda e comunicação e decodificação das

---

<sup>4</sup> Localizado no Campus Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Osvaldo Aranha, 277 – Bom Fim, Porto Alegre - RS.

<sup>5</sup> TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; MACHADO, Elias Palminor. A curadoria de exposições curriculares: uma construção coletiva. *Anais do II Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2015.

<sup>6</sup> Alahna Santos da Rosa, Amalia Ferreira Meneghetti, Amarildo Vargas, Andrea Cogan, Camila Ribeiro Da Silva, Debora Costa Majewski, Diogo Aguiar Neumann, Gisela Hauberth de Lima, Julia Maciel Jaeger, Jurema Oliveira Job, Kimberly Terrany Alves Pires, Lourdes Maria Agnes, Lubianca Montagner Weber, Luis Guilherme Dias Machado, Marcelo Augusto Kich Scheffer, Rossana Klippel de Souza José, Silvana Fernandes de Fraga, Thais Guaragna Morales.

<sup>7</sup> BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria - os caminhos do enquadramento e extroversão da herança patrimonial. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008, p.15-23.

<sup>8</sup> BRUNO, 2008, p. 22.

necessidades das sociedades. O primeiro passo para começar as operações curatoriais era escolher um tema para a exposição curricular do curso.

Diversos temas surgiram e foram propostos para votação, entre eles, a temática “mulher”. Após votações realizadas pela turma, o tema foi escolhido pela maioria, e abraçado por todos. As motivações para a escolha dessa temática se deram por ser um assunto muito discutido nas mídias e de enorme relevância social, mas que ainda não havia sido amplamente trabalhado em museus e no formato de exposição.

Desde o princípio da concepção da exposição *NÓS PODEMOS! A Mulher da Submissão à Subversão*, tivemos como objetivos desvendar as transformações nos papéis da mulher, mudanças que estão acontecendo na família, nas relações sociais, na participação no mercado de trabalho e nas conquistas profissionais, pensando o protagonismo que a mulher alcançou a base de muitas lutas. Buscando também identificar e denunciar a violência e desigualdade sofridas historicamente pelas mulheres.

Mas, precisávamos dar um recorte para uma temática tão abrangente e cheia de possibilidades de interpretações. Para tanto, muitas pesquisas foram feitas pelos alunos curadores, a fim de conhecer a história das mulheres e entender o papel da mulher na sociedade ao longo dos anos, elucidar as questões de desigualdade de gênero e violência que assolam essa história e como as mulheres subverteram a ordem sexista. Após muitas discussões e votações, foi definido o recorte espacial: Porto Alegre, e o recorte temporal: séculos XX e XXI.

Ao fazer a exposição, foi necessário dois movimentos por parte da turma: fazer a concepção conceitual e a concepção espacial. Para o primeiro movimento, era preciso identificar conceitos que norteariam a narrativa da exposição e como seria trabalhada a temática. Desde as primeiras pesquisas, a imagem do *‘We can do it!’* esteve presente.

Conhecido como uma das mais icônicas representações usadas para apoiar e divulgar o feminismo a partir da década de 1940. Criado nos anos 1940 para incentivar a tomada do mercado de trabalho pelas mulheres, a imagem *‘We can do it!’* mostra *Rosie, a Rebitadeira*, uma moça trabalhadora, mostrando o bíceps em sinal de força. Embora a intenção primária tenha sido suprir a necessidade da mão de obra - por causa da ausência masculina no mercado de trabalho, causada pela Segunda Guerra Mundial - a imagem foi apropriada pelo movimento feminista para representar a força feminina em favor das lutas por conquistas sociais.

Figura 1: 'We can do it!'



Fonte: Wikipédia<sup>9</sup>.

Nos apropriamos desta frase como conceito principal para trazer a ideia de que “a mulher pode”: pode estar onde ela quiser e fazer o que ela julgar positivo para si, sem precisar submeter-se a padrões sociais. Esse conceito esteve presente em todos os núcleos expositivos e a imagem também foi escolhida para ser o logotipo da exposição curricular. Para nossa logo, definiu-se que a Rosie não possuiria traços nem cor, se propondo a representar os mais variados tipos de mulheres.

---

<sup>9</sup> MILLER, J. Howard. *We Can Do It!* Eua: 1943. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/We\\_Can\\_Do\\_It!](https://en.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!>)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

**Figura 2:** Logotipo da exposição



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

Outro conceito a se fazer presente foi o de gênero, pois seria a questão central da exposição. Nos deparamos com muitos conceitos e discussões acerca deste, e para dar moldes à narrativa pretendida pelo grupo, nos embasamos em Joan Scott, onde: “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”<sup>10</sup> Perceber o gênero como uma relação de poder, nos levou aos próximos conceitos apresentados.

Os conceitos de público e privado, utilizados para representar visualmente a transição de ambientes: o privado - historicamente destinado às mulheres, e o público - a vida pública, associada aos homens. Para Eleni Varikas:

O espaço privado compreendido ao interior da domesticidade e a constituição familiar mantinha sob a tutela masculina as mulheres e as privou de seus mais elementares direitos. Privação esta que se configurava como a própria privação ‘dos direitos civis e políticos’ que retirava das mulheres o direito a independência ‘necessária para participar, não da gestão de uma comunidade instituída de uma

<sup>10</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, no. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995, p. 75.

vez por todas sem seu consentimento, mas da própria definição do conteúdo e das regras da vida em comum”<sup>11</sup>.

Os conceitos de submissão e subversão, que tem destaque no nome da exposição, convergem com os conceitos apresentados anteriormente. Geralmente, o conceito de submissão está relacionado à mulher, pois esta é considerada o “sexo frágil”. De acordo com Camila Marchesan Cargnelutti e Juliana Prestes de Oliveira, essa concepção busca justificativa nas “diferenças biológicas entre os corpos dos homens e os corpos das mulheres, utilizados historicamente como justificativas para diferenças construídas socialmente, para a imposição de papéis sociais de gênero e para a dominação dos homens sobre as mulheres.”<sup>12</sup>

Culturalmente, é imposto à mulher um papel social de submissão ao gênero masculino. Contudo, a mulher buscou e ainda busca por meio de movimentos sociais, do feminismo e de lutas diárias a igualdade entre os gêneros. Porém, ainda hoje existem caminhos difíceis a percorrer e estigmas sociais que acompanham as mulheres desde os séculos passados. A exposição *NÓS PODEMOS!*, além de contar esta história marcada por lutas e celebrar as conquistas das mulheres, se propôs a fazer o público refletir sobre o papel da mulher na sociedade atualmente e a fortalecer o discurso da igualdade de gênero e do fim da violência contra a mulher.

**Figura 3:** Esquema dos conceitos.



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

<sup>11</sup> VARIKAS, Eleni. “O pessoal é político”: desventuras de uma promessa subversiva. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 3, p. 59-80, 1996.

<sup>12</sup> CARGNELUTTI, Camila Marchesan; OLIVEIRA, Juliana Prestes de. Da submissão à subversão feminina: análise de “Fúria”, de Patrícia Reis. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, vol. 27, no. 2, jul./dez. 2014, p. 23.

O segundo movimento, definir o espaço e o circuito da exposição. Essas decisões definiriam a narrativa apresentada e como o visitante teria acesso ao discurso que pretendemos passar através da exposição. Decidimos por um circuito fechado, pois assim teríamos certeza que todos os visitantes teriam acesso à todas as informações na ordem em que faria sentido a exposição. A exposição tomou forma em quatro núcleos expositivos, além da apresentação e do espaço de ações educativas. São eles: Soltando as Amarras; Bela, Recatada e do Lar, (Des)Igualdades e Nós Podemos!.

No primeiro núcleo expositivo, Soltando as Amarras, o percurso se iniciava com um objeto gerador, um sutiã queimado. Esse objeto desencadeava a narrativa da exposição, introduzindo o caráter desse espaço inicial. Esse núcleo foi baseado em uma contextualização do século XX, onde foram elencados seis fatos marcantes para as conquistas femininas. Os acontecimentos são: A Queima dos “Sutiãs” - a fogueira que não aconteceu; Mulher e política - o direito ao voto; 8 de março - Um dia de luta; Geração de 60 - liberdade e prazer; O desuso do espartilho - uma reforma do vestuário e O biquíni - uma criação explosiva. A materialidade de um espartilho do início do século XX e um biquíni da década de 1970 dialogavam com a ideia de ruptura de alguns padrões de gênero vigentes nos contextos abordados, perceptível no decorrer do circuito, com o intuito de explicitar os sentidos propostos pelo subtítulo da exposição.

Além dos textos expográficos específicos de cada aspecto abordado e das legendas dos objetos expostos, cada núcleo continha um texto principal sobre sua respectiva proposta. O núcleo Soltando as Amarras teve como objetivo refletir sobre a trajetória das mulheres e suas conquistas, cujo texto terminava com a seguinte pergunta “Quais são as amarras que ainda tentam afastar as mulheres do seu domínio e de seu destino?”. O questionamento levava ao final do primeiro núcleo, onde era apresentada a imagem e conceito norteador da exposição: *‘We Can Do It!’*, seu contexto de origem e a resignificação de seu sentido para o movimento feminista, designando um ícone do empoderamento feminino. Ao lado, prezando pela acessibilidade, estava exposta uma réplica tátil do quadro, proporcionando a oportunidade de reconhecimento do mesmo por parte do público com deficiência visual. Também disponibilizamos legendas em braille e em fonte ampliada.

**Figura 4:** Núcleo Soltando as Amarras.



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

O fio condutor de *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão* levava até o núcleo Bela, Recatada e do Lar, onde o eixo principal foi problematizar os lugares da mulher, suas representações e a autonomia sobre suas escolhas. Nesse sentido, público e privado, submissão e subversão, relacionados aos papéis atribuídos socialmente ao gênero, permearam a trajetória que abordou a representação mulher na publicidade brasileira e nos museus históricos de Porto Alegre, o compartilhamento de tarefas pelos membros do lar e a terceira jornada feminina, bem como a autonomia da mulher sobre seu próprio corpo e sexualidade. Nesse núcleo, foram suscitados questionamentos sobre recortes e invisibilidades da mulher quando representada pela mídia e instituições de memória e os questionamentos norteadores do espaço foram “Onde ficaram as memórias das mulheres da rua, da política, da arte, da ciência e do povo? Quais são os objetos que você diria que simbolizam a história das mulheres?”. Uma ação educativa esteve disponível para interação, onde o público era convidado a responder a questão “E para você, onde é o lugar da mulher?” e deixar sua reflexão em uma das paredes da exposição. A problematização final do núcleo, sobre sexualidade, autonomia sobre o próprio corpo e sua conotação subversiva levava ao próximo núcleo.

**Figura 5:** Núcleo Bela, Recatada e do Lar.



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

O núcleo (Des)Igualdades foi dedicado às lutas femininas, representado por coletivos femininos e, de outro lado, mostrando aquilo que as mulheres se organizam para combater: o preconceito de gênero, machismo e suas conseqüentes formas de violência. Destaque para acervo de coletivos femininos com atuação em Porto Alegre e região metropolitana, com objetos variados apresentando esses grupos não apenas universitários, mas diversos e com demandas específicas, como mulheres com deficiência ou mulheres lésbicas. “Você conhece essas lutas?” foi o questionamento norteador do espaço, que também apresentou o conceito de sororidade, pacto de irmandade entre mulheres. Os referidos grupos femininos fazem campanhas, projetos e articulações envolvendo a população e o poder público, pressionando o governo a criar políticas públicas mais eficazes, de combate à violência contra mulher, como a Lei Maria Da Penha, mencionada nesse espaço. Uma parede foi dedicada ao Dia Internacional de Mulher, 8 de março, de 2017, que obteve maior adesão e divulgação nas ruas e nas redes, cujo lema foi “Para além do faça acontecer”. Ainda nesse núcleo, obras da artista Graça Craidy, pintadas a partir de fotos de mulheres agredidas, materializavam a questão da violência contra a mulher, no centro de uma composição com frases machistas ao redor das telas. Ao lado, estatísticas no âmbito estadual e nacional sobre estupro, feminicídio, agressão e abortos ilegais. A turma também

chegou à conclusão sobre a necessidade de um espaço com um pequeno texto a respeito da denúncia referente à violência contra a mulher, incentivando a ligação para o Disque Denúncia.

**Figura 6:** Núcleo (Des)Igualdade



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

O núcleo seguinte, *Nós Podemos!*, partia da interação com os visitantes, que eram convidados a se unirem à luta pela igualdade de gênero. Ao lado do texto de encerramento, estavam disponibilizadas camisas jeans e bandanas em póá vermelho e branco para que o público aderisse, simbolicamente, à luta feminina, ao se caracterizar como Rosie – a Rebitadeira, personagem do quadro *'We Can Do It!'* e inspiração da identidade visual da exposição. Fotografias desses momentos foram compartilhadas nas redes sociais, fomentando a comunicação a partir do uso da *#nóspodemos*.

**Figura 7:** Núcleo Nós Podemos!

Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

As ações educativas e culturais fazem parte da comunicação museológica, uma das bases do tripé da Museologia. Ao lado da exposição, é a atividade mais aparente do museu, dado seu caráter completamente voltado à sociedade e ao público visitante. É a partir da ideia de ação educativa em museus como uma prática de educação não-formal, que pretende sensibilizar o indivíduo, oportunizar uma reflexão e capacitá-lo para apropriação da narrativa expositiva que pensamos as atividades educativo-culturais da exposição *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão*.

Para além das atividades de caráter educativo que se encontravam no núcleo Bela, recatada e do lar e no núcleo Nós Podemos!, o último núcleo era destinado a ser um espaço educativo. Ambientado com frases feministas na parede, uma TV onde passavam vídeos sobre a temática e uma arquibancada, propiciava aos visitantes a possibilidade de sentarem ao final da visita e dialogarem entre si e com os mediadores, bem como a executarem e vivenciarem as atividades educativas concebidas pelos alunos curadores. Uma dessas atividades, a “linha do tempo das conquistas femininas”, ficava disponível na parede do núcleo, com fichas com eventos importantes na história feminina para serem colocados no respectivo ano de acontecimento.

**Figura 8:** Espaço educativo

Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

Para além do Museu da UFRGS, os alunos curadores promoveram um Cine-Debate com os documentários “Carol” e “O que há de errado com ela?”, do coletivo Feminino Plural e uma mesa redonda composta por representantes dos seguintes grupos e organizações de mulheres: Meninas na Ciência, Mulheres na Universidade e na Saúde (MUSAS), ONG Themis e Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher. Essas atividades visavam extrapolar a temática, abrindo o recorte da exposição e levando as reflexões propostas para um espaço além do Museu da UFRGS.

### **Sim, nós podemos! – a exposição como espaço de sororidade**

O museu atualmente não é mais um espaço expositivo estático e o processo de musealização adquire uma dimensão de interatividade. Segundo Tereza Scheiner:

Sabemos, por experiência, que a exposição é a principal instância de mediação dos museus, a atividade que caracteriza e legitima a sua existência tangível. Através das exposições, os museus elaboram uma narrativa cultural que os define e significa, enquanto agências de representação sociocultural. Definidas como espelhos da sociedade ou mesmo como uma janela que o Museu abre para o mundo, exposições constituem uma ponte, ou elo de ligação entre as coisas da natureza e a cultura do homem, tais como são representadas nos museus<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. *XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002, p. 96-105, p. 96.

Os alunos curadores, orientados pela premissa de propiciar reflexão e servir de “elo de ligação” entre o visitante e a temática proposta, construíram os espaços de interatividade da exposição *NÓS PODEMOS!* embasados nos conceitos de experiência e experimentação, conforme Scheiner:

Pois o Museu é, em si mesmo, uma instancia de formação, um espaço para experiências de aprendizado. E portanto deve buscar estabelecer um verdadeiro diálogo com o visitante, priorizando a emoção, a imaginação e o sentimento para, através deles, oferecer a razão. Exposições museológicas não são meras mostras – são instancias de conversação, e visam oferecer ao visitante uma experiência durável, que se torne parte da vida de cada indivíduo. Pois o verdadeiro Museu não está no ambiente tangível em que as coisas existem, mas é o que se constitui na relação, espontaneamente, no preciso instante em que a coisa exposta toca, em profundidade, o corpo e a alma do observador<sup>14</sup>.

A exposição atingiu um total de 2332 visitantes contabilizados, superando as expectativas para o curto espaço de tempo em que esteve aberta. O perfil do público se caracterizou como 70% feminino, com maior alcance na faixa etária dos 19 a 23 anos, que representou 27%, sendo 62% de Porto Alegre. Um dos instrumentos de estudo de público desenvolvidos pela turma foi o livro de sugestões, que esteve disponível para preenchimento ao final da exposição. Foram escritos ao todo 208 comentários, que englobaram elogios, críticas, pedidos, sugestões e até mesmo poemas. O que mais chamou atenção foi o uso repetido do título da exposição – *NÓS PODEMOS!* – nos comentários. Também foi possível observar uma grande identificação por parte do público em geral, que ressaltou a representatividade da exposição. Muitas mulheres escreveram sobre como reconheceram suas lutas na exposição; as dificuldades, conquistas e até mesmo violências sofridas. A informação e empoderamento proporcionados pela exposição constam em muitos comentários, assim como a conclamação a luta e desejos de mais sororidade entre as mulheres.

Outra forma de avaliar a receptividade do público sobre a exposição foi a partir dos bilhetes deixados na interação do núcleo Bela, Recatada e do Lar, em que o visitante foi convidado a responder “E para você, onde é o lugar da mulher?” Essa atividade teve bastante adesão e os bilhetes colados na parede ocuparam todo o espaço disponível para os mesmos. Em sua grande maioria, as respostas foram positivas e em consonância com a exposição, contendo um caráter de liberdade e autonomia, com respostas diretas e indiretas

---

<sup>14</sup> SCHEINER, 2002, p. 104.

sobre o lugar da mulher ser onde ela quiser e for feliz. Respostas mais específicas, como “no futebol”, “no tatame”, “na presidência da república”, “no cinema”, “na luta”, também estiveram em um número expressivo. Outro foco das respostas foram mulheres que, de alguma forma, sentiram que faltou representatividade na exposição, enfatizando as mulheres negras, lésbicas e trans.

**Figura 9:** Bilhetes da interação “Lugar de mulher é...”



Fonte: Equipe Curatorial da *NÓS PODEMOS!*, 2017.

Em entrevista realizada com as três bolsistas do curso de Museologia contratadas para serem mediadoras da exposição curricular, Aldryn Jaeger, Barbara Hoch e Ruth Soriano, percebemos relatos semelhantes acerca do público e do *feedback* obtido durante as mediações. As mediadoras tiveram experiências com variados tipos de público, e com isso houveram variados tipos de interação.

As mediadoras frisam que o público adolescente era o mais engajado durante as mediações, tendo muita identificação por parte das meninas. Barbara Hoch relata que:

O público feminino com idade entre 12 e 17 anos demonstrou enorme interesse para com a temática da exposição, os questionamentos sobre liberdade de escolha e conhecimento sobre o corpo feminino foram frequentes. Muitas meninas atrelavam aos questionamentos a relação sexualidade, gênero e saúde constantemente, além de adicionarem relatos pessoais aos apontamentos, em

muitos momentos a memória era evocada a partir da combinação entre expografia e mediação<sup>15</sup>.

Sobre isso, Ruth Soriano comenta que os “jovens (até 17 anos) ficavam fascinados com a temática e tendiam a explorar mais o espaço interativo, o núcleo com os contraceptivos e o espaço fotográfico.”<sup>16</sup> A mediadora em questão lembra de uma mediação com um grupo de adolescentes:

O [momento] mais divertido sem dúvida foi quando um grupo de criança (13 anos) parou em frente aos contraceptivos, perguntou sobre o coletor menstrual, a pílula, ciclo hormonal e camisinha. Nenhum deles conhecia muito sobre o assunto, todos estavam envergonhados em perguntar e eram muito curiosos<sup>17</sup>.

Tais experiências reforçam a função educativa do museu, e no caso da exposição *NÓS PODEMOS!*, o espaço museal e a expografia foi capaz de promover diálogos sobre temas atuais e assuntos cotidianos, como as questões sobre sexualidade apontadas por Soriano.

A mediadora Aldryn Jaeger comenta que:

O público gostou e achou interessante pelo fato da exposição trazer uma temática social. A abordagem proposta pela turma foi com uma leveza que os faziam se sentir, em sua maioria, a vontade para trocar ideias, contar suas experiências e até mesmo proporcionar outras problemáticas sobre o assunto<sup>18</sup>.

Nas visitas onde haviam mulheres negras presentes, as mediadoras eram questionadas sobre a falta de representatividade negra na exposição. A mediadora Barbara Hoch, relata sua experiência com “[...] uma menina negra, com aproximadamente 15 anos, que em uma mediação relatou que não se reconhecia em objetos como a escova de cabelo ou nas imagens da exposição.”<sup>19</sup>

Sobre os visitantes homens, a partir das entrevistas com as mediadoras, poderiam ser divididos em três categorias: Homens que se incomodaram com a temática da exposição, questionando a razão do protagonismo da mulher, apresentando pensamentos contrários àqueles de empoderamento feminino, ao reproduzir estereótipos de gênero referentes aos

<sup>15</sup> HOCH, Barbara. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 04 out. 2017.

<sup>16</sup> SORIANO, Ruth. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 13 set. 2017.

<sup>17</sup> SORIANO, 2017.

<sup>18</sup> JAEGER, Aldryn. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 14 set. 2017.

<sup>19</sup> HOCH, 2017.

lugares da mulher na sociedade; homens que em diversos casos demonstraram desconforto, mas buscavam, de alguma maneira, conversar e compartilhar, assim como tentar aprender mais sobre; homens que prontamente reconheceram a relevância da temática, parabenizando a iniciativa e percebendo a importância deles nessa luta por direitos iguais e, inclusive, retornando à exposição com mulheres de seu convívio, como filhas, amigas ou companheiras.

Acerca do papel da exposição como um articulador de uma rede de sororidade, as mediadoras concordaram que um resultado bastante positivo foi obtido. Soriano ressaltou o papel da exposição e seu impacto em possíveis sutilezas diárias que podem fazer uma grande diferença nas vidas das mulheres, gerando uma rede de ajuda e conscientização: “Talvez pequenos atos como acompanhar uma mulher sozinha, a redução de comentários machista e a divisão nas tarefas domésticas tenham sido incentivados, afinal a sororidade se manifesta nos pequenos e nos grandes atos”. Aldryn Jaeger destacou que muitas visitantes se sentiram à vontade para compartilhar suas experiências:

[...] teve uma moça que mora em Moçambique e disse que lá estão ocorrendo as mesmas discussões sobre os direitos das mulheres e as suas lutas para adquiri-los, o que mostrou que essa temática é internacional e está presente em diferentes culturas. Através do diálogo com os visitantes e, acredito que até para aqueles não solicitaram a mediação, foi uma forma de mostrar que juntas temos mais força<sup>20</sup>.

As três mediadoras entrevistadas enfatizaram que a exposição trazia informações sobre locais de ajuda, como o Disque Denúncia e algumas legislações que amparam a mulher, assim, muitas visitantes perceberam que tem onde buscar apoio. Sobre isso, Barbara salienta que “[...] o principal meio é procurar outras mulheres. Mulheres mais velhas interagem com meninas mais novas demonstrando companheirismo e colegas se reconheceram uma na história da outra.”<sup>21</sup> Dessa forma, a exposição curricular de 2017 promoveu sensação de pertencimento, respeito e reconhecimento. As interações foram frequentes entre mediadoras e visitantes, seja denunciando atos ou expondo opiniões.

### Considerações Finais

A exposição *NÓS PODEMOS! A mulher da submissão à subversão* foi concebida pelos alunos curadores de forma que houvesse uma sensibilização dos visitantes em geral

---

<sup>20</sup> JAEGER, 2017.

<sup>21</sup> HOCH, 2017.

acerca da temática e identificação por parte do público feminino, promovendo-se em cada núcleo expositivo espaços que possibilitavam a interação e reflexão dos visitantes, tanto em visitas mediadas quanto em visitas independentes.

A partir do retorno do público, seja através dos instrumentos de avaliação, das entrevistas com as mediadoras, das vivências de cada aluno-curador e de todos envolvidos no projeto, concluímos que a exposição curricular *NÓS PODEMOS!* cumpriu da melhor forma, dentro do seu curto período e limitações, o objetivo de proporcionar ao público uma reflexão sobre a mulher, seu lugar e situação na sociedade, de forma dinâmica e enriquecedora, em um aprendizado contínuo e transformador.

O retorno positivo e participativo do público, principalmente a gratidão das mulheres, repercutiu a relevância de trabalhar essa temática dentro dos museus, perceptível, também, pelos convites para eventos externos que a equipe curatorial recebeu, para abordar a temática a partir da perspectiva museológica em outros espaços.

Conforme já abordado, a exposição se tornou um local propício para a interação e troca de experiências. Ao avaliarmos o público e as relações que se firmaram entre as visitantes mulheres com a exposição e os mediadores, percebemos o elo de sororidade que foi firmado com uma grande parcela do nosso público. Os comentários entre as visitantes, a coragem para relatar sobre fatos da própria vida, a acolhida entre as mulheres que passaram pelo Mezanino do Museu da UFRGS no período em que a *NÓS PODEMOS!* ficou em cartaz é só uma pequena amostra das relações de sororidade que se formam entre mulheres quando essas se sentem representadas, unidas e motivadas a falar, ouvir e acolher suas semelhantes.

## Referências

BRASIL. *Lei no. 7.287, de 18 de dezembro de 1984*. Dispõe sobre a Regulamentação da Profissão de Museólogo. Brasília: Presidência da República, 1984. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7287.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7287.htm)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de curadoria - os caminhos do enquadramento e extroversão da herança patrimonial. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas 2*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

CARGNELUTTI, Camila Marchesan; OLIVEIRA, Juliana Prestes de. Da submissão à subversão feminina: análise de “Fúria”, de Patrícia Reis. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, vol. 27, no. 2, jul./dez. 2014.

HOCH, Barbara. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 04 out. 2017.

JAEGER, Aldryn. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 14 set. 2017.

ILLER, J. Howard. *We Can Do It!* Eua: 1943. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/We\\_Can\\_Do\\_It!](https://en.wikipedia.org/wiki/We_Can_Do_It!)>. Acesso em: 18 dez. 2017.

SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. *XI Encuentro Regional del ICOFOM LAM*, Equador, 2002, p. 96-105.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, no. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SORIANO, Ruth. *Formulário para mediadoras da exposição Nós Podemos!*. [mensagem pessoal]. Mensagem enviada para <julia.jaeger2013@gmail.com> em 13 set. 2017.

TEIXEIRA, Vanessa Barrozo; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; MACHADO, Elias Palminor. A curadoria de exposições curriculares: uma construção coletiva. In: *Anais do II Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2015.

VARIKAS, Eleni. “O pessoal é político”: desventuras de uma promessa subversiva. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 2, no. 3, p. 59-80, 1996.